

Análise dos poemas: poesia pé no chão e poesia engajada

Para analisarmos, escolhemos dois poemas centrados na região do pernambuco. Um de Chico Science, representante do movimento manguebeat, e outro de João Cabral de Melo Neto.

Poesia pé no chão:

A Cidade - Chico Science

(Recomendamos escutar a canção antes)

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
Não importa se são ruins nem importa se são boas

E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs

A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce

A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de uma saída
Ilusora de pessoas de outros lugares
A cidade e sua fama vai além dos mares

E no meio da esperteza internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos

A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce

Eu vou fazer uma embolada
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado
Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus

Num dia de Sol, Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior

Interpretação

A canção traz a figura do sol como uma metáfora ao ciclo enfadonho do dia a dia, sendo responsável por trazer clareza às “pedras evoluídas”; isto é, pessoas que, através da sua empiricidade, se adaptaram a esse ciclo, seja por bem seja por mal, ficando endurecidas. Ao usar a expressão “pedreiros suicidas”, o autor visa criticar o sacrifício extremo e o esforço desumano que essas pessoas passam, de modo a não medir as consequências, como no caso de serem trabalhadores explorados. Note que o autor faz questão de utilizar o termo “pedreiros” para dar peso a sua ideia, haja vista que essa profissão é, muitas vezes, vista como insalubre, braçal ou, ainda, que requer muito empenho. Os cavaleiros, por sua vez, simbolizam uma autoridade maior que subjuga essas pessoas e controla suas ações. O compositor enfatiza que esse cavaleiro não liga para o caráter das pessoas, mostrando a frieza e a falta de humanidade dessa autoridade.

A cidade ser considerada “centro das ambições” indica que há uma ideia de que nesse ambiente seria possível encontrar melhores oportunidades e riquezas, responsáveis por mover os desejos humanos. No trecho seguinte, o autor usa o termo “mendigos ou ricos e outras armações”, evidenciando o contraste existente entre essas pessoas que estão tão próximas, mas tão distantes ao mesmo tempo, fato esse que perpetua a desigualdade social, que existe, sobretudo, na área urbana. Posteriormente, deixa claro a caoticidade do meio urbano trazendo vários elementos que o pertencem, ora os modos de transporte ora as demasiadas profissões que o compõem, formando todo um complexo estrutural que funciona a partir da inter-relação de suas pequenas partes.

O refrão da canção reforça ainda mais esse efeito caótico que o autor quis passar no fim dos últimos versos. O fato da cidade não parar indica que a todo momento está acontecendo algo, desde o intenso trânsito pela manhã até o choro do bebê ou o assalto

pela madrugada. A cidade não dorme, ela está sempre na ativa; isto é, a engrenagem social que move essa construção não para. Enquanto isso, à medida que o rico fica mais rico, o pobre fica mais pobre, e a amplitude de desigualdade se torna cada vez mais expressiva. Afinal, quando uma má ação passa a ocorrer recorrentemente, para de ser vista como incorreta; isto é, o mal se torna banal. É como se a sociedade sofresse de uma força coercitiva, que molda sua organização desigual, a ponto de se tornar estrutural e profundamente enraizada; ou seja, um cenário naturalizado.

Nos versos seguintes, nota-se que o termo “prostituída” é um adjetivo utilizado para caracterizar a cidade como um objeto de lucro, onde há abandono de valores, promovendo sua degradação moral e ética; isto é, a cidade é usada apenas para satisfazer interesses privados de poucos. Reforçando essa ideia, utiliza a frase “por aqueles que a usaram em busca de uma saída”, indicando que essas pessoas se importam apenas com soluções para seu bel-prazer, muitas vezes em detrimento de se importar com as consequências que atingem o coletivo ou o próprio espaço urbano. Posteriormente, o compositor usa o termo “ilusora” para apresentar a cidade como uma espécie de miragem; isto é, que atrai as pessoas, mas as expectativas não condizem com a realidade. Além disso, “vai além dos mares” é um termo que mostra que a cidade é reconhecida internacionalmente; em contrapartida, pode ser um fator que alimenta sua degradação. Os versos seguintes finalizam expressando que a cidade está longe do ideal, onde o conformismo prevalece e onde poucos têm muito e muitos têm pouco.

Nas estrofes finais, vemos que o autor usa de termos que visam resgatar e valorizar a cultura popular, considerando o contexto do Pernambuco e de Recife, como em “samba” e em “maracatu”. O termo “pra gente sair da lama e enfrentar os urubus” mostra um desejo de transformação social, onde os “urubus” podem ser comparados aos “cavaleiros” citados no início do poema; ou seja, essa força opressora seria confrontada por pessoas que saíram da “lama”, de um local insalubre. Um ponto que é imprescindível destacar sobre está relacionado à própria lama, que, como já visto, tem seu sentido metafórico, já que representa essas pessoas que surgem do “fundo do poço”, bem como tem seu sentido literal, visto que a lama é um elemento concreto, da paisagem, do mangue, formado a partir do encontro das águas do mar e dos rios, como o famoso rio Capibaribe de Pernambuco. A seguir, usa os versos “Num dia de Sol, Recife acordou / Com a mesma fedentina do dia anterior” para apresentar o descaso urbano, onde “fedentina” pode ser interpretada como a persistência de problemas políticos e sociais presentes.

Poesia engajada:

O Cão Sem Plumas (Parte I) - João Cabral de Melo Neto

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;

uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.

Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos povos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.
[...]

Interpretação

Nesse trecho da primeira parte do livro exposto, algumas interpretações que podem ser extraídas são: a crítica à condição do rio Capibaribe na cidade de Recife, e, atrelado a isso, a denúncia das condições enfrentadas pelas pessoas que moram próximas ao local, retratando as injustiças sociais presentes em alguns casos.

O rio é comparado à figura de um cão sem plumas, algo sem beleza, triste e sem cuidado (“o ventre triste de um cão”). Essa situação contrasta com elementos da estrofe seguinte, que, por meio da negação, diz como seria a imagem ideal de um belo rio (“Nada sabia da chuva azul, da fonte cor-de-rosa,...”). No fim, é cheio “de lodo e ferrugem”, e “jamais se abre aos peixes”.

Na penúltima estrofe, no trecho “Sabia seguramente da mulher febril que habita as ostras”, é possível inferir que o rio é habitado por pessoas das camadas mais pobres da sociedade, influenciando na realidade da opressão social. Em uma análise mais profunda, o rio simboliza a miséria do povo nordestino e a indiferença da sociedade perante o sofrimento de uma terra seca e marginalizada.